



ARTÍCULO | ARTIGO

Fermentario V. 13, N° 1 (2019)

ISSN 1688 6151

Instituto de Educación, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación,  
Universidad de la República. [www.fhuce.edu.uy](http://www.fhuce.edu.uy)

Faculdade de Educação, UNICAMP. [www.fe.unicamp.br](http://www.fe.unicamp.br)

Educação da atenção e emancipação intelectual<sup>1</sup>

*Atención, educación y emancipación intelectual*

*Danilo Patutti*<sup>2</sup>

**DOI:** <https://doi.org/10.47965/fermen.13.1.3>

**Recibido:** 25/02/2019

**Aceptado:** 14/05/2019

## Resumen

Segundo Rancière, a inteligência humana é uma potência que *não se divide* e não há senão um único poder: o de *prestar atenção*. Aprende-se novas línguas, fatos e ideias exercendo apenas a *força de atenção*. Segundo ele, é o *ato de atenção* quem faz agir a inteligência sob a coerção absoluta de uma vontade, em uma determinada direção, segundo os esforços que ela dedica. A emancipação intelectual ocorreria junto ao desenvolvimento da força de atenção, a qual, progressivamente, liberaria a inteligência das amarras mentais e emocionais engendradas pela falsa crença na incapacidade e inferioridade intelectual. Por sua vez, na filosofia de Epicteto de Hierápolis, a educação da atenção

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

<sup>2</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FEUSP, Brasil. Bacharel e licenciado em Filosofia pela USP. E-mail: [patutti.danilo@gmail.com](mailto:patutti.danilo@gmail.com)

ocupa um lugar central, pois o desenvolvimento da atenção é considerado imprescindível para o aprendizado da arte do bem viver. Segundo ele, a liberdade e a felicidade poderiam ser conquistadas via um *treinamento* da atenção sobre si mesmo e sobre o mundo.

*Palabras clave:* Atenção, Educação, Emancipação, Epicteto.

### **Abstract**

According to Jacques Rancière, human intelligence is an *undivided* power and has only one power: that of *paying attention*. One learns new languages, facts and ideas exercising only the *force of attention*. According him, it's the *act of attention* that operates the intelligence under the absolute coercion of a will, in one specific direction, according her efforts dedicated. The intellectual emancipation would occur with the development of the force of attention, which, progressively, it would liberate the intelligence from mental and emotional moorings engendered by the false believe in the intellectual incapacity and inferiority. In its turn, in the philosophy of Epictetus of Hierapolis, the education of attention takes a central place, because the development of attention is considered necessary for the learning of the art of good living. According him, freedom and happiness could be acquired by *training* the attention over oneself and over the world.

*Keywords:* Attention, Education, Emancipation, Epictetus.

### **Introdução**

Apresentaremos em linhas gerais a concepção de emancipação intelectual de Jacques Rancière e a educação da atenção na filosofia de Epicteto de Hierópolis. São dois filósofos com pensamentos muito distintos, originários de tempos e lugares distantes. O primeiro é da França contemporânea e o segundo, um estoico da Grécia do século I da EC. Arriscamo-nos aproximá-los devido algo em comum: a ideia de força de atenção. Para ambos, a atenção cumpre uma função primordial no desenvolvimento da inteligência e da razão, na busca pela emancipação intelectual e pela liberdade interior. Cada um a seu modo, concebem o treinamento da atenção como uma via necessária para atingir a meta suprema: o conhecimento de si. Pois não seria possível, distraidamente, atualizar a inteligência e nem, desatentamente, exercer o domínio da razão. Os dois filósofos discorrem, cada um em seu contexto, sobre metas semelhantes: a liberdade da inteligência e a liberdade do *lógos*.

Aproximamos esses dois filósofos porque eles concebem a atenção como uma força naturalmente humana e passível de desenvolvimento. Hoje é comum crianças e adultos serem medicalizados por causa do “*déficit* de atenção”, portanto, parece-nos urgente e necessário tentarmos compreender como a atenção poderia ser educada e cultivada. Pois, se concebermos a atenção como uma força que deve ser exercitada e aperfeiçoada, a prescrição de fármacos não seria a única solução para a distração dos alunos na sala de aula. O filósofo Christoph Türcke argumenta que a principal maneira de combater o que ele chama de “cultura do *déficit* de atenção” seria através da escola e da educação (2016). Segundo ele, o modo de vida contemporâneo está organizado segundo o princípio da “distração concentrada”, resultante do uso das novas tecnologias pela concorrência capitalista. Esse regime de distração é engendrado devido a disputa entre as propagandas pela atenção do consumidor. Desse modo, nossa percepção é continuamente e excessivamente estimulada por informações audiovisuais, a tal ponto de provocarem a insensibilização da nossa percepção. O resultado dessa distração contínua é a fragmentação das capacidades psíquicas, a inquietação, o desassossego, um novo tipo de sofrimento psicossomático (2010).

Frente às patologias e medicalizações contemporâneas do *déficit* de atenção, conceber a atenção como uma força que deveria ser fortalecida para o aperfeiçoamento da inteligência e o aprendizado da arte do bem viver, modificaria em grande medida o cenário pedagógico. Contudo, não pretendemos apresentar uma solução para a questão, mas apenas alimentar a reflexão a partir do que já foi dito. Por isso a importância de estudarmos a noção de atenção sobre si em Epicteto e a concepção de inteligência humana como sendo essencialmente *atenção em ato* em Rancière.

### **Emancipação Intelectual**

Segundo Jacques Rancière, a emancipação intelectual encontra-se na possibilidade de concebermos em nós mesmos e nos outros, simultaneamente, a dignidade própria de ser humano, reconhecendo a nossa natureza intelectual (Rancière, 2011: 60). A emancipação é uma questão de princípio e não de método, pois todos os métodos que operam a “lógica da redução” das desigualdades de capacidades entre as inteligências são métodos de embrutecimento (Ibidem: 50). A igualdade de potência das inteligências é um pressuposto a ser verificado na ação presente e não um objetivo a ser alcançado em um futuro distante, através de um caminho preestabelecido supostamente capaz de progressivamente elevar a inteligência inferior e reduzir a distância que a separa da inteligência superior. A verdade não se diz, mas se sente e se experimenta na busca pela verificação de sua presença ou ausência (Ib.: 186), portanto a verdade da igualdade das inteligências precisa ser *verificada* e constatada na experiência. Pressupomos que todos os seres humanos sejam capazes de relatar, isto é, de querer dizer algo, de

querer se fazer compreender e, ao mesmo tempo, de querer adivinhar o que o outro lhe diz, de querer compreender a palavra do outro (Ib.: 95). Estas seriam as duas operações fundamentais da inteligência humana: as capacidades de relatar e de adivinhar. E, nesse sentido, Rancière entende a definição do ser humano como uma vontade servida por uma inteligência (Ib.: 79):

Por vontade, compreendemos essa volta sobre si do ser racional que se conhece como capaz de agir. Essa fonte de racionalidade, essa consciência, essa estima de si como ser racional em ato que alimenta o movimento da inteligência. O ser racional é, antes de tudo, um ser que conhece sua potência, que jamais mente a esse respeito (Rancière, 2011: 86).

Através do reconhecimento de nós mesmos e dos outros como sujeitos intelectuais, poderemos nos emancipar e trabalhar para a emancipação. O reconhecimento acontece reciprocamente quando ambas as inteligências se comunicam e verificam, empiricamente, a igualdade de suas naturezas.

Pressupomos que o outro quer interpretar e entender o significado da nossa palavra, enquanto o outro pressupõe que nós queremos nos fazer entender e sermos entendidos. Portanto, dedicamos energia e esforços para relatar e expressar o mais honestamente possível o que queremos dizer enquanto o outro, ao mesmo tempo, se dedica e se esforça para traduzir, adivinhar e compreender o que lhe é dito. Nesta relação, as inteligências estão livres e confiam em seu próprio poder intelectual para se expressarem e se compreenderem. Por outro lado, a nossa vontade se submete à vontade do outro na medida em que quer e se esforça para se fazer entender, e a vontade do outro, por sua vez, se submete à nossa vontade que quer compreendê-lo e ser compreendida. É uma relação de confiança entre as vontades e de comunicação entre as inteligências. A virtude de nossa inteligência está menos em saber do que em fazer:

‘Saber não é nada, fazer é tudo’. Mas esse fazer é, fundamentalmente, ato de comunicação. E, portanto, ‘falar é a melhor prova da capacidade de fazer o que quer que seja’. No ato de palavra, o homem não transmite o seu saber, ele poetiza, traduz e convida os outros a fazer a mesma coisa. Ele se comunica como *artesão*: alguém que maneja as palavras como instrumentos. O homem se comunica com o homem por meio de obras de sua mão, tanto quanto por palavras de seu discurso (Rancière, grifo do autor, 2011: 96).

Os métodos explicadores, isto é, de redução das desigualdades das inteligências são embrutecedores porque estabelecem relações de dominação entre a vontade e a inteligência. A vontade do mestre explicador domina a inteligência do aluno e a conduz por um caminho previamente definido considerado por ele o mais adequado, para progredir na aquisição do saber através de etapas ordenadas segundo o grau de complexidade das explicações e das dificuldades que ele prevê de antemão que o seu aluno encontrará. Por outro lado, na relação de emancipação as vontades confiam na capacidade

intelectual de cada ser humano envolvido, permitindo que as inteligências permaneçam livres para percorrer o seu próprio caminho de adivinhação e de investigação da matéria (Ib.: 32). O principal traço da emancipação intelectual é a autonomia do sujeito para verificar a relação entre a sua aprendizagem e a sua compreensão (Ib.: 23).

Para Rancière, o sujeito emancipado conhece o poder da sua inteligência e sabe que pode compreender a obra de qualquer ser humano, pois a sua natureza intelectual é a mesma que ele encontra em todas as outras manifestações humanas. Assim, ele é capaz de verificar por si mesmo se aprende a matéria e não necessita de uma outra “inteligência superior” para lhe dizer se isso é verdade. O emancipado se volta sobre si mesmo e conhece a sua verdade, ele sabe quando compreende ou não compreende algo, quanto a isso ele não pode mentir a si próprio, mas apenas se distrair e se esquecer. “O problema é revelar uma inteligência a ela mesma” e as explicações não ajudam (Ib.: 50), ao contrário, reforçam a crença na desigualdade entre as inteligências, demonstrando ao aluno que ele não pode compreender por si mesmo, mas que sempre necessita de alguém para lhe dizer se a sua compreensão é suficiente ou não.

O objetivo do método emancipador é a atualização das capacidades intelectuais e não a acumulação de saberes abstratos, pois tendo se emancipado o sujeito decidirá de quais saberes se apropriar. A atualização da potência da inteligência acontece na prática do seu uso, através do seu exercício, portanto o *fazer* da inteligência é mais importante do que o acúmulo de saber. O verdadeiro movimento da inteligência humana é a pesquisa ao acaso, a adivinhação, através do qual se reconhece e toma posse do seu próprio poder (Ib.: 28). Segundo Rancière, “a inteligência é atenção e busca, antes de ser combinação de ideias” (Ib.: 83) e por isso não existem inteligências superiores e inferiores, mas inteligências mais atentas ou menos atentas, mais exercitadas ou menos exercitadas. A razão pela qual uma inteligência produz um trabalho melhor do que a outra não é a sua superioridade em potência ou natureza, mas em treinamento. Os bebês demonstram inteligências semelhantes porque as suas necessidades são praticamente as mesmas, forçando as suas inteligências a se movimentarem e a se exercitarem. Contudo, quando as circunstâncias não exigem a atividade da inteligência é à vontade quem cabe o dever de forçar a sua ação:

Ali onde a necessidade cessa, a inteligência repousa, a menos que uma vontade mais forte se faça ouvir e diga: continua; vê o que fizeste e o que *podes* fazer se aplicares a mesma inteligência que já empregaste, investindo em toda coisa a mesma atenção, e não te deixando distrair em teu caminho. (Rancière, grifo do autor, 2011: 79).

O mestre emancipador não tem como função verificar se o aluno aprendeu, mas verificar se buscou, isto é, se ele está atento e continuamente pesquisando. O esforço de investigação atualiza as capacidades

intelectuais quando a vontade mobiliza a inteligência e exige a sua atividade. Para Rancière, esse ato de domínio da inteligência pela vontade é, na verdade, um ato de atenção. A força da vontade movimenta a ação da inteligência, engendrando a atenção. Para ensinar uma vontade a mobilizar a sua inteligência o mestre emancipador insere a inteligência do aluno em um “círculo de potência” (Ib.: 34), isto é, em uma materialidade, como um livro, e o interroga a falar sobre o que pesquisou. Exigindo a palavra do aluno o mestre força o movimento autônomo de sua inteligência e requer que ela busque e trace o seu próprio caminho para sair desse círculo, pois “ele verifica que o trabalho dessa inteligência se faz com atenção, que essa palavra não diz qualquer coisa para se subtrair à coerção” (Ib.: 51).

O trabalho da inteligência é um esforço de adivinhação para ver, lembrar, comparar, relacionar, montar frases, discursos e refazer repetidamente o mesmo percurso. O principal exercício da inteligência é a repetição, portanto o seu principal vício é a preguiça, a falta de vontade em se esforçar para realizar um trabalho tedioso, enfadonho, embora com os resultados mais satisfatórios. “É mais fácil se ausentar, ver pela metade, dizer o que não se vê, dizer o que se acredita ver” (Ib.: 85) do que vencer a si próprio, esforçar-se e reconhecer-se como sujeito intelectual, proprietário de uma vontade racional autodeterminante que se volta sobre si mesma em uma “atenção incondicionada a seus atos intelectuais, ao caminho que descrevem e à possibilidade de avançar sempre, investindo a mesma inteligência na conquista de novos territórios” (Ib.: 61). Nesse sentido, aquele que diz “sou incapaz” ou “isto não é para mim” significa simplesmente falta de vontade e distração:

Tua impotência não é mais do que preguiça em caminhar. Tua humildade não é senão temor orgulhoso de tropeçar ante o olhar dos outros. Tropeçar não é nada; o mal está em divagar, sair de teu caminho, não mais prestar atenção ao que se diz, esquecer-se do que se é. Segue, portanto, teu caminho (Rancière, 2011: 87).

Há uma vontade que rege e uma inteligência que obedece. Chamemos de atenção o ato que faz agir essa inteligência sob a coerção absoluta de uma vontade. Esse ato não é diferente, quer se trate da forma de uma letra a ser reconhecida, de uma frase a ser memorizada, de uma relação a estabelecer entre dois seres matemáticos, dos elementos de um discurso a ser composto. Não há uma faculdade que registra, uma outra que compreende, uma outra que julga (Ib.: 46).

A aliança entre a vontade e a inteligência possui duas modalidades fundamentais: a atenção e a distração. Com efeito, é a força de atenção quem faz agir a inteligência sob a coerção absoluta de uma vontade, dependendo da quantidade de energia que a vontade comunica à inteligência, pois nem sempre a vontade vê porque razão deveria prestar atenção, relaxando a inteligência e engendrando a distração. Portanto, a distração é falta de vontade, isto é, preguiça em se esforçar ou orgulho que impede de errar perante os outros. Quando a vontade se distrai nós nos esquecemos de nós mesmos,

esquecemos a nossa natureza intelectual e abandonamos a responsabilidade desse reconhecimento: o sujeito intelectual deve a si mesmo a sua verdade, ele jamais pode enganar-se sobre a potência da sua natureza, pode apenas esquecer-se, distrair-se, ou seja, se ausentar. O ser humano é uma vontade servida por uma inteligência e a vontade é movimento, pois ela encontra a sua racionalidade se reconhecendo como atividade autodeterminante, isto é, como um movimento razoável: como movimento da inteligência. Nesse sentido, a distração é ausência de inteligência porque nessa situação a vontade se absteve de agir e, portanto, não mobilizou a inteligência: eis um ser humano que abandona o cumprimento do dever da própria natureza, tornando-se um embrutecido, desarrazoado e distraído:

O essencial é essa contínua vigilância, essa atenção que jamais se relaxa sem que venha a se instalar a desrazão em que excelem tanto aquele que sabe quanto o ignorante. O mestre é aquele que mantém o que busca em seu caminho, onde está sozinho a procurar e o faz incessantemente (Rancière, 2011: 57).

Por outro lado, o sujeito emancipado é aquele que continuamente presta atenção aos próprios atos intelectuais e conhece a sua potência, sendo o único capaz de trabalhar para a emancipação porque enxerga o poder do ignorante: seu semelhante. Ele sabe que o ignorante é capaz de ver, de falar, de mostrar e de lembrar, portanto, o que mais seria preciso? “Uma atenção absoluta, para ver e rever, dizer e redizer” (Ib.: 43). A potência não se divide, não há senão um único poder, o de ver e de dizer, de prestar atenção ao que se vê e ao que se diz (Ib.: 47), portanto o mestre emancipador sabe que precisa apenas verificar se seu aluno está atento ou distraído, se pesquisa com ou sem atenção. Nesse sentido, um emancipado pode ensinar qualquer coisa porque conhece o verdadeiro sentido das palavras “homem de progresso”: é aquele que caminha, vê, experimenta, modifica a sua prática, verifica o seu saber e segue a *sua* trilha (Ib.: 162). Exigindo de seu aluno uma palavra, uma indicação, uma repetição e novamente mais uma palavra, ele verifica o seu caminhar, não para julgar se está na direção certa ou errada, mas para observar se caminha com atenção ou distraidamente.

Rancière parece nos sugerir que a emancipação intelectual depende, basicamente, do desenvolvimento de duas forças: a força de vontade e a força de atenção. A vontade é uma espécie de força em movimento através do qual se reconhece e encontra a sua natureza racional, mas, ao mesmo tempo, a sua atividade engendra o movimento da inteligência. Esta, por sua vez, ao movimentar-se engendra a atenção, um poder de ver e de constatar quaisquer que sejam as matérias e as suas relações. A emancipação consiste, essencialmente, no movimento de conversão da atenção sobre si mesmo e, a partir daí, na verificação da potência de si mesmo como sujeito intelectual.

## Educação Da Atenção

O ensinamento de Epicteto de Hierápolis<sup>3</sup> é extremamente prático e completamente voltado para a aplicação no dia-a-dia. Quem deseja a liberdade<sup>4</sup> e a felicidade<sup>5</sup> deve conhecer o funcionamento da sua capacidade de escolha<sup>6</sup> (*proáíresis*) e aprender a utilizá-la em harmonia com a natureza. Segundo o estoicismo, viver segundo a natureza significa viver com sabedoria e excelência. Essa é a meta da arte do bem viver: possuir uma serenidade<sup>7</sup> imbatível e permanente diante de qualquer acontecimento. Tal modo de vida pode ser aprendido através do conhecimento de si e do conhecimento da ordem natural dos acontecimentos. Para facilitar esse estudo Epicteto propôs uma regra de vida fundamental formulada nos seguintes termos: “das coisas existentes, algumas são encargos nossos, outras não são encargos nossos”<sup>8</sup>.

Ela é a principal regra de vida da sua filosofia porque separa todas as coisas existentes em dois domínios e põe em evidência aquilo sobre o qual devemos prestar atenção para progredirmos no caminho da sabedoria. As coisas que são encargos nossos (*eph' hemin*) limitam-se ao funcionamento da nossa capacidade de escolha, enquanto as coisas que não são encargos nossos (*ouk eph' hemin*) são todas as outras restantes. Para Epicteto, a liberdade significa nunca encontrar obstáculos e nunca ser constrangido, mas como isso seria possível se o nosso corpo e os corpos alheios nos limitam? A resposta é simples porque a liberdade em questão não é política, mas interna, psíquica e moral. A *proáíresis* é o nosso único encargo porque ela é por natureza livre e desimpedida, portanto o uso que fazemos dela pode ser igualmente livre e desimpedido. A *proáíresis* possui três operações a serem

---

<sup>3</sup> Viveu aproximadamente entre os anos 55-125 da EC. Existem poucos registros históricos sobre a sua vida, contudo alguns dados biográficos foram conservados na obra *Diatribes de Epicteto*: foi discípulo do célebre filósofo estoico Caio Musônio Rufo; foi escravo de Epafrodito, um libertado e secretário imperial de Nero; de algum modo adquiriu a liberdade e ministrou aulas de filosofia em Roma, em seguida, abriu uma escola de filosofia na cidade de Nicópolis, na Grécia, após a expulsão de todos os filósofos da Cidade Eterna por Domiciano. Ele nada escreveu, mas um de seus alunos taquígrafou várias das suas aulas. Acredita-se que Lúcio Flávio Arriano Xenofonte, ou Arriano de Nicomédia, tenha registrado um total de oito livros das denominadas *Diatribes de Epicteto*, contudo apenas quatro foram preservados. As *Diatribes* são conversações fidedignas entre Epicteto e seus alunos, mas Arriano também produziu o *Enquirídio de Epicteto*, ou *Manual de Epicteto*, no qual ele reúne sinteticamente os princípios da filosofia de seu mestre com o objetivo de ficarem “à mão” acessíveis para serem praticados no dia-a-dia.

<sup>4</sup> ἐλευθερία.

<sup>5</sup> εὐδαιμονία.

<sup>6</sup> προαίρεσις: é um conceito central na filosofia de Epicteto, remetendo à ideia de arbítrio e vontade apesar de ser melhor traduzido por “capacidade de escolha”. Embora não seja o primeiro estoico a utilizá-lo, certamente é o primeiro a lhe fornecer uma dimensão fundamental. Não obstante, sem entrar em detalhes, vale destacar se tratar de um conceito diferente do conceito aristotélico de *proáíresis*.

<sup>7</sup> εὐροια.

<sup>8</sup> τῶν ὄντων τὰ μὲν ἔστιν ἐφ' ἡμῖν τὰ δὲ οὐκ ἐφ' ἡμῖν. (Epicteto, *Enquirídio de Epicteto*, §1, 2012, tradução de ADinucci).

harmonizadas à natureza: desejo e aversão<sup>9</sup>, impulso e refreamento<sup>10</sup>, assentimento e suspensão do assentimento<sup>11</sup>.

Três são os tópicos sobre os quais deve trabalhar aquele que pretende ser belo e bom: o primeiro, sobre os desejos e as aversões, para nunca falhar alcançar aquilo que ele deseja, nem encontrar aquilo que ele evita; o segundo, sobre os impulsos e os refreamentos, em suma, sobre o dever, para agir ordenadamente com boas razões e nunca sem cuidado; o terceiro é sobre o impedimento dos erros e da precipitação no julgamento, em suma, sobre os assentimentos. [3] Dentre esses o mais importante e urgente é aquele sobre as paixões: a paixão não nasce exceto quando um desejo falha em atingir o seu objetivo, ou quando uma aversão encontra o que tenta evitar. Assim nascem a confusão, o tumulto, a perturbação, recaindo desfortunas, tristezas, lamentações, inveja; fazendo-nos invejosos e ciumentos: através das quais nos tornamos incapazes de ouvir a razão. [4] O segundo tópico lida com os deveres: não me é preciso ser insensível como uma estátua, mas conservo os meus relacionamentos naturais e adquiridos, como pio, como filho, como irmão, como pai e como cidadão (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 3.2.2-6, tradução nossa)<sup>12</sup>.

A *proairesis* é naturalmente livre porque funciona no interior da *psyche*<sup>13</sup> humana: impossível nos obrigarem a desejar algo pelo qual sentimos aversão, nem a refrear um impulso afetivo ou nos forcarmos a conceber o falso como verdadeiro. Sua natureza livre não nos garante a liberdade, mas sim a sua possibilidade se controlarmos os três tópicos segundo a regra fundamental. As paixões nascem quando os desejos não alcançam seu objetivo e perturbam a *psyche* com insatisfações e lamentações. A serenidade é a ausência de paixões, pois é a ausência de desejos irrealizados. O propósito do desejo é alcançar o objeto desejado e o único modo de sempre realizarmos nossos desejos é aplicando a regra de vida, para desejarmos somente os objetos que dependem de nós adquirir: assim jamais falharemos na realização da nossa vontade e jamais encontraremos aquilo que não queremos.

Segundo Epicteto, a escolha é o nosso encargo (*eph' hemin*) porque somente as nossas ações podem ser determinadas por nós independentemente das coisas exteriores. Com efeito, os bens e os males

<sup>9</sup> ὀρεκτικὴν/ὄρεξις e ἐκκλιτικὴν/ἐκκλισις.

<sup>10</sup> ὀρμητικὴν/ὄρμηξ e ἀφορμητικὴν/ἀφορμηξ.

<sup>11</sup> πρόσθεσις/συνκαταθεσις e ἐποχή.

<sup>12</sup> [1] τρεῖς εἰσι τόποι, περὶ οἷς ἀσκηθῆναι δεῖ τὸν ἐσόμενον καλὸν καὶ ἀγαθόν: ὁ περὶ τὰς ὀρέξεις καὶ τὰς ἀποφυγὰς μὴτ' ὀρεγόμενος ἀποτυγχάνη μὴτ' ἐκκλίνων περιπίπτῃ: [2] ὁ περὶ τὰς ὀρμὰς καὶ ἀφορμὰς καὶ ἀπλῶς ὁ ἀκαθῆκον, ἵνα τάξει, ἵνα εὐλογίστεως, ἵνα μὴ ἀμελῶς: τρίτος ἐστὶν ὁ περὶ τὴν ἀνεξάπατησίαν καὶ ἀνεικαιότητα καὶ ὁλοῦς ὁ περὶ τὰς συγκαταθέσεις. [3] τούτων κυριώτατος καὶ μάλιστα ἐπιείγων ἐστὶν ὁ περὶ τὰ πάθη: πάθος γὰρ ἄλλως οὐ γίνεται εἰ μὴ ὀρέξεως ἀποτυγχανούσης ἢ ἐκκλίσεως περιπιπτούσης. οὗτός ἐστιν ὁ ταραχάς, θορύβους, ἀτυχίας, ὀδυστυχίας ἐπιφέρων, ὁ πένθη, οἰμωγὰς, φθόνους, ὁ φθονερούς, ὁ ζηλοτύπους ποιῶν, δι' ὧν οὐδ' ἀκοῖσαι λόγου δυνάμεθα. [4] δευτερός ἐστὶν ὁ περὶ τὸ καθῆκον: οὐ δεῖ γὰρ με εἶναι ἀπαθὴ ὡς ἀνδριάντα, ἀλλὰ τὰς σχέσεις τηροῦντα τὰς φυσικὰς καὶ ἐπιθέτους ὡς εἰσεβῆ, ὡς υἱόν, ὡς ἀδελφόν, ὡς πατέρα, ὡς πολίτην (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 3.2.2-6).

<sup>13</sup> Ψυχή: não há consenso absoluto entre os comentadores para a tradução deste termo no contexto estoico. Alguns traduzem por alma e outros por mente, contudo optarei pela transliteração.

morais são os únicos bens e males reais porque dependem da nossa capacidade de escolha e não das circunstâncias. A liberdade e a felicidade advêm da compreensão do real valor das coisas e sobre qual é a verdadeira natureza do bem e do mal. Ora, o que é exterior à escolha possui um caráter indiferente, de não-valor, pois são imutáveis e possuem valor relativo segundo o uso ao qual as destinamos. Por outro lado, o valor moral possui valor por si porque é nosso encargo. As qualidades morais, como a honestidade, o respeito, a justiça e a temperança são verdadeiros bens porque são livres da exterioridade e do fluxo natural dos acontecimentos, e dependem somente da nossa escolha.

A arte do bem viver consiste no aprendizado de que a felicidade somente pode ser adquirida via o domínio de si, isto é, via apropriação do uso dos três tópicos da *proairesis* conforme a natureza. O uso precipitado e desatento dos assentimentos engendra falsas opiniões sobre o valor dos objetos materiais. O julgamento de que a riqueza e a fama possuem valor engendra na *psyche* o desejo de conquistá-las e o impulso para buscá-las quando, na realidade, são coisas sem valor, indiferentes, pois são escravas do fluxo natural dos acontecimentos. Para Epicteto, inserir valor nas coisas exteriores e apegar-se a elas é o mesmo que escravizar-se, pois estaríamos creditando o nosso valor a uma coisa naturalmente escrava das circunstâncias, logo nos obrigando à mesma submissão.

A regra de vida deve guiar o uso dos assentimentos para não perder de vista a distinção entre bens e males morais e objetos exteriores como indiferentes. Por isso Epicteto afirma que o verdadeiro bem do ser humano está dentro de si, bastaria voltar-se sobre si e apropriar-se. Valorizar objetos exteriores significa afirmar que o valor de si mesmo depende da presença ou ausência de um objeto, consequentemente submetendo o próprio bem-estar à mudança da exterioridade. Em contraposição, os valores morais podem ser estáveis e duradouros, pois são qualidades das ações guiadas por princípios e isso é encargo da capacidade de escolha. Assim, o autoconhecimento depende somente de si e o domínio de si é a única via para a felicidade porque somente através dela conquista-se a fortaleza de caráter, a impassibilidade de quem não tem nenhum desejo insatisfeito e, consequentemente, a serenidade.

[18] Onde, então, está o progresso? Se algum de vós, ao afastar-se das coisas exteriores, voltou-se sobre a sua capacidade de escolha, aperfeiçoando-a e exercitando-a, de modo a torná-la harmoniosa à natureza, elevada, livre, desimpedida, desembaraçada, leal, digna; [19] e aprendeu que não é possível ser leal e livre quem deseja ou evita as coisas que não estão sob seu encargo, mas é necessário modificar-se e vagar junto com elas, bem como sujeitar-se aos que podem provê-las ou impedir o acesso a elas. [20] E então, <o que progride>, ao acordar, na alvorada, vela e guarda o que aprendeu, banha-se como <homem> leal, come como <homem> digno e, do mesmo modo, sempre, sobre o que quer que ocorra, exercita os princípios

filosóficos, como o corredor <exercita> o que é relativo à corrida e o cantor <exercita> o que é relativo ao canto (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 1.4.11, tradução de Aldo Dinucci, obra no prelo)<sup>14</sup>.

A prática dos princípios filosóficos fundamenta-se na atividade da atenção, ao mesmo tempo, sobre os objetos externos e sobre a atividade da *proairesis* tal como evidencia a distinção *eph' hemin kai ouk eph' hemin*. Devemos aprender a dirigir a atenção simultaneamente para o valor das próprias ações e o não-valor dos objetos exteriores, para assim exercitarmos o desapego do próprio corpo, dos objetos e pela vida dos entes queridos. Viver sabiamente é ser capaz de conservar-se em harmonia com o fluxo natural das coisas e seguir um curso de vida sereno. Inserir o próprio bem e valor nas coisas fora de si é o mesmo que submeter-se às condições favoráveis ou desfavoráveis das contingências, prendendo-se a coisas instáveis e passageiras. Por isso é fundamental concebê-los no interior de si como independentes das condições exteriores. Contudo, devemos dedicar muita atenção para não perdermos de vista a distinção entre a interioridade e a exterioridade, pois a todo instante representações exteriores se apresentam à *psyche* e se não estivermos suficientemente atentos seremos arrebatados por sua força de aparição.

[3] Lembrando-se disto [da regra de vida] colocarás a salvo em toda situação o teu caráter como deve tê-lo.

Senão, veja, tu perdes teu tempo em vão, e tudo quanto guardou em ti mesmo, tu desperdiçarás e arruinarás.

[4] Pouco é necessário para arruinar e desperdiçar tudo: apenas um pequeno desvio da sua razão. [5] Para que o piloto afunde a sua nau ele não necessita da mesma quantidade de preparo que ele precisa para mantê-la a salvo. Mas se a desvia um pouco contra o vento, está arruinado. E se o faça sem querer, devido uma pequena distração, está arruinado. [6] Algo assim também se passa aqui: se adormeceres um pouco, tu perdes tudo o que reuniu até agora. Portanto, preste atenção às representações, fique desperto. [7] Não são pequenas as coisas que guarda, senão a honestidade, a lealdade, o equilíbrio, [8] a impassibilidade, a ausência de tristeza, de temor, a imperturbabilidade. Em uma palavra: a liberdade. Em troca do que vai vender isto? Veja quanto vale (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 4.3.3-8, tradução nossa)<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> [18] ποῦ οἷν προκοπή; εἰ τις ἡμῶν ἀποστάς τῶν ἐκτὸς ἐπὶ τὴν προαίρεσιν ἐπέστραπται τὴν αὐτοῦ, ~~ταῖς~~ ἐργάζεσθαι καὶ ἐκπονεῖν, ὥστε σύμφωνον ἀποτελέσαι τῇ φύσει, ὑψηλὴν ἐλευθέραν ἀκόλυτον ἀνεμπόδιστον ~~παν~~ αἰδήμονα: [19] μεμάθηκέν τε, ὅτι ὁ τὰ μὴ ἐφ' αὐτῷ ποθῶν ἢ φεύγων οὔτε πιστός ἐστὶ δύνάται οὔτ' ἐλεύθερος, ἀνάγκη μεταπίπτειν καὶ μεταρριπίζεσθαι ἅμα ἐκείνοις καὶ αὐτόν, ἀνάγκη δὲ καὶ ὑποτεταχέναι ἄλλοις ἑαυτόν, τοῖς ἐκεῖνα περιποιοῖν ἢ κωλύειν δυναμένοις: [20] καὶ λοιπὸν ἴσθην ἀνιστάμενος ταῦτα τηρεῖ καὶ φυλάσσει, λούεται ὡς πιστός, ὡς αἰδήμων ἴσθιει, ὡσαύτως ἐπὶ τῆς αἰεὶ παραπιπτούσης ὕλης τὰ προηγούμενα ἐκπονῶν, ὡς ὁ δρομεὶς δρομικῶς καὶ ὁ φώναςκος φωνασκικῶς (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 1.4.11).

<sup>15</sup> [3] τούτων μεμνημένος πανταχοῦ διασώσεις τὸ σαυτοῦ πρόσωπον οἷον ἔχειν σε δεῖ. εἰ δὲ μή, σκόπει, ἀπόλλυνται οἱ χρόνοι εἰκῆ καὶ ὅσα νῦν προσέχεις σεαυτῷ, μέλλεις ἔχειν ἅπαντα ταῦτα καὶ ἀνατρέπειν. [4] ἄρ' οὐδεὶς χρεῖα ἴστί πρὸς τὴν ἀπόλειαν τὴν πάντων καὶ ἀνατροπὴν, μικρὰς ἀποστροφῆς τοῦ λόγου. [5] ἵνα ὁ κερνήτης ἀνατρέψῃ τὸ πλοῖον, οὐ χρεῖαν ἔχει τῆς αὐτῆς παρασκευῆς, ὅσης εἰς τὸ σῶσαι: ἀλλὰ μικρὸν πρὸς τὸν ἄνω πειστρέψῃ, ἀπόλετο: κἂν μὴ αὐτὸς ἐκὼν, ὑποπαρενθυμηθῇ δ', ἀπόλετο. [6] τοιοῦτόν ἐστὶ τι καὶ ἐνθάδε: μικρὸν ἂν ἀπονυστάξῃς, ἀπῆλθεν πάντα τὰ μέχρι νῦν συνειλεγμένα. πρόσχε οἷν ταῖς φαντασίαις, ἐπαγρύπνει. [7] οὐ γὰρ μικρὸν τὸ τηρούμενον, ἀλλ' αἰδῶς καὶ πίστις καὶ εὐστάθεια, [8] ἀπάθεια, ἀλυπία, ἀφοβία, ἀταραξία, ἀπλῶς ἐλευθερία. τίνων μέλλεις ταῦτα πωλεῖν; βλέπε, πόσου ἀξίων (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 4.3.3-8).

A principal tarefa na jornada da sabedoria consiste em uma disciplinada educação da atenção sobre nós mesmos associada ao desprendimento das coisas exteriores. Precisamos ter sempre à mão a regra de vida para examinarmos as representações segundo o seu crivo. A única maneira de conservarmos a serenidade é nos desapegando das coisas exteriores e dominando a capacidade de escolha para harmonizar os julgamentos, os desejos e os impulsos segundo as leis naturais. Aprender a recolher a atenção sobre nós mesmos, mantendo a distinção entre o que é nosso encargo e o que não é nosso encargo é fundamental para enfrentarmos os acontecimentos sem esquecermos a natureza do bem e do mal. A atenção se divide sobre nós mesmos e sobre a situação exterior, enquanto a razão suspende o seu assentimento para analisar a origem e o conteúdo da representação que aparece à *psyche*. Com efeito, a arte do bem viver é, essencialmente, uma atividade constante de vigilância sobre essa dupla distinção das coisas da realidade para exercitarmos o desprendimento das coisas exteriores à escolha e dedicarmos máximo cuidado às nossas ações. As representações estão sempre aparecendo, portanto a *proairesis* opera continuamente, exigindo-nos contínua atenção ao instante no qual devemos escolher e agir.

[19] Pois, então, é possível, portanto, não se equivocar? De jeito nenhum, mas sim é possível tender continuamente a não se equivocar. Pois seria desejável que, sem relaxar nunca essa atenção, deixaríamos de lado ao menos uns poucos erros. Agora, quando dizes [20] 'amanhã prestarei atenção' saiba que o que diz é isto 'hoje serei sem vergonha, impertinente, malvado; dependerá dos outros me entristecer, hoje me irritarei, invejarei' (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 4.12.19-20, tradução nossa)<sup>16</sup>.

O desenvolvimento da atenção se faz necessário para o aprendizado do uso da capacidade de escolha conforme a natureza. A regra de vida fundamental nos ajuda quanto a orientação da atenção que devemos conservar para enfrentarmos as representações. Aplicando a regra de vida aprendemos que devemos ter atenção e cuidado às nossas escolhas e, ao mesmo tempo, atenção e indiferença às coisas e situações exteriores que escapam ao controle da nossa capacidade de escolha. No trecho acima Epicteto afirma a impossibilidade de nunca errarmos nas escolhas, pois, caso contrário, seríamos sábios. Mas afirma a possibilidade de tendermos continuamente a não se equivocar, precisamente, através da atenção sempre disposta e nunca relaxada. Embora não extinguiremos nossos erros ao exercitarmos a atenção corretamente, isto é, guiando-se pela regra de vida, ao menos evitaremos alguns poucos erros e assim lentamente seremos orientados à sabedoria.

---

<sup>16</sup> [19] τί οἶν; δυνατόν ἀναμάρτητον ἤδη εἶναι; ἀμήχανον, ἀλλ' ἐκεῖνο δυνατόν πρὸς τὸ μὴ ἀμαρτάνειν ~~πάνω~~ διηνεκῶς. ἀγαπητὸν γάρ, εἰ μηδέποτε ἀνιέντες ταύτην τὴν προσοχὴν ὀλίγων γε ἀμαρτημάτων ἐκτὸς ἐσόμεθα. ~~ἄρα~~ εἴπῃς [20] ἀπαύριον προσέξω, ἴσθι ὅτι τοῦτο λέγεις: σήμερον ἔσομαι ἀναίσχυτος, ἄκαρος, ταπεινός: ἐπ' ἄλλοις ἔσται τὸ λυπεῖν με: ὀργισθήσομαι σήμερον, φθονήσω (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 4.12.19-20).

A arte do bem viver tem como meta um modo de vida sábio e excelente, contudo a jornada é longa e exaustiva. Por esta razão, o ensinamento de Epicteto foca a prática no dia de hoje, naquilo que é possível fazer agora. A liberdade, a felicidade e a serenidade são metas muito elevadas e é provável que as não alcancemos – afinal, somente Sócrates e Diógenes, o Cão, verdadeiramente amaram e viveram sabiamente. Mesmo assim, o exercício hoje da arte do bem viver tal como ensinada por Epicteto via o exercício de controle da *proairesis* e o treinamento da atenção, certamente proporcionará ao menos alguns poucos momentos de felicidade, liberdade e serenidade por dentre as muitas perturbações e lamentações corriqueiras.

### **Considerações Finais**

Rancière e Epicteto pressupõem a atenção como sendo uma força ou potência natural dos humanos, ligada à inteligência e à razão. O primeiro considera a atenção necessária para nos emanciparmos intelectualmente, voltando-nos sobre nós e recolhendo nossa atenção sobre nós mesmos, para reconhecermos nossa natureza intelectual assumindo a responsabilidade por levar esse reconhecimento às últimas consequências. O segundo afirma a necessidade da atenção, sem a qual, não poderíamos ser felizes, serenos e livres, em suma, incapazes de conhecermos a nós mesmos e nossos verdadeiros bens. A atenção aparece como um poder fundamental para o desenvolvimento da inteligência e da razão porque funciona como os seus olhos e ouvidos, por assim dizer, indicando o caminho ou os caminhos que uma mente deve percorrer para se apropriar de suas faculdades e elevá-las à máxima potência. No ensino da arte do bem viver de Epicteto, a atenção é responsável por desprender a razão das paixões, mostrando o caráter transitório dos objetos sobre os quais inserimos valor precipitadamente, engendrando perturbações. Para o filósofo, sem atenção não há bem viver, ou melhor, não há viver digno de ser humano porque não há uso voluntário da razão, do poder de escolha racional característico desses seres. Semelhantemente, Rancière considera a atenção como a própria inteligência humana em ato, como o poder humano de compreensão e de criação, capaz de ver e de rever os caminhos dos próprios atos intelectuais. É a atenção sobre si quem desvela uma inteligência a ela própria, evidenciando a sua natureza e as suas potencialidades, obrigando-a assumir a sua identidade, impelindo-a a se apropriar de si mesma e a desenvolver as suas capacidades.

[1] Quando relaxas um pouco a atenção, não fantaseie que quando quiseres a retomarás, mas tu tenhas isto em mão que, por causa do erro de hoje, necessariamente, os teus afazeres piorarão. [2] Pois, em primeiro lugar, nasce o pior dentre todos os hábitos, o de não prestar atenção e, em seguida, o hábito de diferir a atenção: sempre acostumado a adiar de um tempo ao outro o fluxo sereno da retidão, o viver apropriado e liderado segundo a natureza. [3] Mas se é vantajoso o adiamento, é ainda mais vantajoso abandonar tudo isso! Mas, se não é vantajoso, por que não

sustentas a atenção continuamente? (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 4.12.1-3, tradução nossa)<sup>17</sup>

Talvez devêssemos acreditar em Epicteto, ou melhor, verificar empiricamente com Rancière e o estoico quais são os efeitos do desenvolvimento e do aprendizado do exercício voluntário da atenção. As ideias que esses filósofos nos apresentam como consequências do esforço de atenção a si mesmo, não são de pouca valia, mas correspondem a tudo aquilo que na história da humanidade mais se desejou e ainda se deseja: felicidade, sabedoria, emancipação, inteligência, em suma, liberdade e serenidade. Menos conclusões do que questionamentos, uma educação da atenção parece indicar direções de investigação pouco exploradas e compreendidas pela pedagogia e pela filosofia. Embora ainda existam poucos estudos sobre a atenção, inevitavelmente somos levados a crer por testemunho direto e empírico no seu poder: a atenção pode ser objeto de crença, mas também pode ser verificada cientificamente, isto é, testada, verificada, experimentada e testemunhada indefinidamente. Epicteto questiona, ora, qual atividade é melhor realizada sem atenção do que com atenção? Ou qual atividade piora quando a ela nos dedicamos mais atentamente? Por sua vez, Rancière é categórico: a um trabalho menos bom dizemos que lhe foi dedicado menos atenção, afinal, qual professor é incapaz de perceber se seu aluno está atento ou distraído? Não basta qualquer palavra ou atitude do aluno para se subtrair ao esforço de investigação sobre aquilo que lhe é exigido. A atenção pode não ser um objeto concreto, mas sabemos reconhecer quando estamos distraídos e quando estamos atentos. Se aceitarmos a hipótese de a atenção ser uma força passível de desenvolvimento, tão importante quanto Epicteto e Rancière defendem, o quadro pedagógico poderia sofrer influências determinantes, pois a educação da atenção poderia se tornar um dos princípios formativos fundamentais do propósito da Educação e da Escola. Ora, através do seu aperfeiçoamento não apenas o desenvolvimento intelectual é obtido, mas também a apropriação das faculdades mentais. A educação filosófica de Epicteto tem como propósito a construção de seres humanos fortes, capazes de lidar com situações imprevisíveis e difíceis, e tudo isso através de uma educação especial da atenção. Juntos, os dois filósofos defendem uma formação educacional que todos queremos, mas não sabemos a melhor maneira de efetivá-la: o desenvolvimento autônomo da inteligência e da razão, a atualização das potências e capacidades intelectuais, a emancipação intelectual, a liberdade interior, a força de caráter, a excelência moral, a

---

<sup>17</sup> [1] ὅταν ἀφῆς πρὸς ὀλίγον τὴν προσοχὴν, μὴ τοῦτο φαντάζου, ὅτι, ὅποταν θέλῃς, ἀναλήψῃ αὐτήν, ἀλλ' ἠπρόχειρον ἔστω σοι, ὅτι παρὰ τὸ σήμερον ἀμαρτηθὲν εἰς τὰλλα χεῖρον ἀνάγκη σοι τὰ πράγματα ἔχειν. [2] πρῶτον μὲν γὰρ τὸ πάντων χαλεπώτατον ἦθος τοῦ μὴ προσέχειν ἐγγίνεται, εἶτα ἦθος τοῦ ἀναβάλλεσθαι τὴν προσοχὴν: αἷεις ἄλλον καὶ ἄλλον χρόνον εἰώθας ὑπερτίθεσθαι τὸ εἴρωεῖν, τὸ εὐσχημονεῖν, τὸ κατὰ φύσιν ἔχειν καὶ διεξάγειν. [3] εἰ μὲν οὖν λυσιτελής ἢ ὑπέρθεις ἔστιν, ἢ παντελής ἀπόστασις αὐτῆς ἔστι λυσιτελεστέρη: εἰ δ' οὐ λυσιτελεῖ, τί οἴχθιδινηκεῖ τὴν προσοχὴν φυλάσσεις; (Epicteto, *Diatribes de Epicteto*, 4.12.1-3).

saúde mental e até a educação dos sentimentos – se lembrarmos a distinção estoica entre as boas e as más paixões, os afetos egoístas e os afetos comunitários –, em resumo, a consciência de si.

Um ensino que priorize e reconheça o papel essencial da educação da atenção para o processo formativo do sujeito exigirá métodos e ideias pedagógicas e professores próprios. Não será um ensino voltado ao saber, mas, ao ser, pois a atenção sobre si se dirige ao saber de si mesmo e não apenas à apropriação de saberes exteriores e técnicos. O conhecimento da própria natureza, das próprias capacidades, forças, opiniões, valores e interesses será a meta de uma educação que eleja a atenção como princípio fundamental. Não se trataria do acúmulo de saberes para serem testados em exames escolares, mas da apropriação de si mesmo por si mesmo. O professor não possuiria apenas o saber de uma disciplina, mas do saber de si mesmo, de quem é e do que pode ele e seus alunos. Ele só poderia exigir dos seus alunos a mesma atenção que ele exigiria de si mesmo, pois, a rigor, sem a atenção sobre si perder-se-ia de vista o propósito mesmo do ensino.

Onde está a nossa atenção agora? Ela não está sobre si mesmo, mas está fora de si e imersa na atividade exterior da leitura, isto é, identificada na representação exterior. A todo momento a atenção do sujeito é disputada. Ele perde o controle da sua atenção, não é mais capaz de dirigi-la, de ver e de ouvir aquilo que ele *quer* prestar atenção. A atenção sem o controle do sujeito está sob o controle das influências exteriores das propagandas, dos aparelhos eletrônicos, das ações das outras pessoas e, inclusive, das manifestações automáticas do psiquismo, como os pensamentos, as emoções e os impulsos. A educação da atenção teria como meta proporcionar ao sujeito a retomada do controle da sua atenção, voltando-a sobre si mesmo, sobre o exterior e sobre a relação entre a interioridade e a exterioridade. Nesse sentido, tanto a emancipação intelectual quanto a liberdade interior são contempladas, pois ao voltar-se sobre si reconhece-se a própria natureza intelectual e, ao mesmo tempo, compreende-se as razões das causas das intensas paixões, isto é, das emoções negativas, ao distinguir quais objetos pertencem ao domínio da natureza e quais pertencem ao domínio da capacidade de escolha.

## Referências

- Epicteto (1956) *The Discourses of Epictetus as reported by Arrian*. 2 Volumes, Books I- IV, Encheirídion and Fragments. Londres: Harvard University Press.
- Rancière, J. (2011) *O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*. São Paulo: Autêntica
- Türcke, C. (2010) *Sociedade excitada. Filosofia da sensação*. Campinas: Editora Unicamp.
- \_\_\_\_\_. (2016) *Hiperativos! Abaixo a cultura do déficit de atenção*. São Paulo: Paz & Terra.